

EDITORIAL

Marx, no famoso episódio do roubo da lenha, quando ainda era bastante jovem, sentiu na carne o peso e o poder de uma classe social que se apropria privadamente de recursos naturais de maneira egoísta e perversa. Tal fato o marcou e foi determinante para a sua obra. Como demonstrou em sua obra a classe não tem empatia com o sofrimento de quem não pertence a ela. Pouco lhe importa se o outro tem frio ou fome, é incapaz de sentir o seu sofrimento.

Florestan Fernandes, um dos maiores ícones da sociologia brasileira, viveu situação semelhante quando sua mãe era empregada doméstica na casa da família Bresser em São Paulo. Ele e sua mãe habitavam uma edícula ao fundo do quintal e jamais tiveram autorização para circular nas áreas sociais dos Bresser. Ficavam restritos à cozinha e ao quintal inclusive sem poder usar o seu próprio nome. O nome Florestan não era adequado para um garoto pobre, era imponente demais; o Florestan de Beethoven, na ópera Fidélio, é um prisioneiro político de alta linhagem, preso injustamente por Don Pizarro, seu grande inimigo e governador da prisão. Não era admissível chamar o filho da empregada pelo mesmo nome. Melhor seria chamá-lo de Vicente, não era de bom tom que alguém da ralé se chamasse Florestan, era mais condizente com a sua situação de classe.

A partir dos seis anos de idade, o pobre Florestan se tornou engraxate para ajudar a mãe na luta pela sobrevivência. Da mesma forma que Cristo se abaixou até os pés de quem não os tinham descalços. Também se tornava servo e humilde sem, entretanto, ser servil e humilhado.

Muitas foram as determinações desta época, das quais jamais se afastou ou renegou. Seu pertencimento de classe o acompanhou pela vida a fora. Todas as determinações destes tempos de dificuldades o conduziram para frente, ao curso de Madureza, atual EJA, e à USP; elas jamais o impediram olhar para a condição dos de baixo. Sua obra, que procurou compreender o país e as condições de sua transformação, constituem autêntica teoria da revolução brasileira. Daí a sua necessidade de estudar as classes dominantes, a escravidão e a transição para a República. Nos dizeres de Miguel Yoshida, editor da Expressão Popular, citado por Caroline Oliveira (2020)

O primeiro passo para a construção dessa prática revolucionária foi entender a origem das classes sociais no Brasil. Para compreender o comportamento das classes dominantes, Florestan estudou os anos da escravidão e demonstrou como a transição da Colônia até a República, incluindo a abolição da escravatura, se deu sem rupturas institucionais de fato. O sociólogo identifica a manutenção do padrão de dominação de classe, com o cultivo de heranças escravocratas refletidas nas dinâmicas sociais do país.

Florestan, pelo lugar que ocupa em nossa formação social e na sociologia brasileira e mundial é o nosso homenageado neste número da Revista Desenvolvimento e Civilização. Estamos comemorando o seu Centenário de Nascimento, aproveitando para ressaltar a importância e a profundidade de seus estudos para o nosso modo de entender a sociedade brasileira. Os três primeiros artigos deste número são dedicados a ele, como singela homenagem.

No primeiro, Márcia Pereira da Silva Cassin - REVOLUÇÃO BURGUESA NO BRASIL NA OBRA DE FLORESTAN FERNANDES – apresenta-nos uma síntese dos principais aspectos relativos ao tema revolução burguesa e capitalismo dependente no Brasil. Este artigo contém elementos essenciais para quem tem os primeiros contatos com o nosso grande sociólogo. Ele permite aos pós-graduandos e até mesmo aos pesquisadores mais experientes realizar sínteses a partir de determinados trabalhos preliminares como este.

O seguinte - O QUE É REVOLUÇÃO: FLORESTAN FERNANDES - de Tiago Fávero de Oliveira, nos lembra a atualidade e a necessidade de refletir sobre o que é revolução e, nesta resenha, traz-nos a compreensão do grande sociólogo sobre o que é, quem a faz, como pode ser fortalecida e como lutar pela sua vitória.

O terceiro e último, “O DESAFIO EDUCACIONAL” DE FLORESTAN FERNANDES, de autoria de Gaudêncio Frigotto, segue a mesma linha dos anteriores. Ele indica o imperativo de esclarecer os processos interrompidos de mudança educacional, de tomar a educação em seu significado mais profundo para promover a descolonização, a revolução nacional, a revolução democrática que a República autocrática burguesa bloqueou e mistificou. O desafio educacional, tal como Florestan o coloca, deve “romper com as estruturas de nossa sociedade e construir a possibilidade da revolução socialista e vincular o processo de conhecimento científico e cultural da escola básica e da universidade à luta da classe trabalhadora, o que pressupõe um professor que tenha ou construa esse vínculo de classe.

Três outros artigos também têm destaque nesta homenagem que prestamos a Florestan Fernandes. Eles nos remetem a três gigantes da literatura com os quais teve oportunidade de dialogar, nomeadamente no campo da teoria econômica da dependência, do materialismo e da dialética da realidade nacional subdesenvolvida.

O ensaio de Michele Paranhos - O CONTEXTO HISTÓRICO DA CONTRIBUIÇÃO DE CELSO FURTADO: APONTAMENTOS SOBRE DESENVOLVIMENTO E SUDESENVOLVIMENTO – que situa a produção intelectual deste ícone da economia política brasileira, destaca para os leitores a importância de sua teoria de “produção para a ação”, as origens ideológicas do desenvolvimento e “a influência das interpretações dualistas-etapistas da sociedade e da economia em suas três principais vertentes”.

O seguinte, de autoria de Monica Bruckmann, PRÓLOGO A LA ANTOLOGÍA DE THEOTONIO DOS SANTOS, coloca em destaque os textos presentes na obra de Theotonio dos Santos, publicada entre 1962 e 2016.

Inicia-o nos trazendo a sua veia poética, praticamente desconhecida do grande público, e a seguir, insere Theotonio na grande corrente teórica latino-americana que se apropriou do marxismo como matriz teórica universal, como forma de ver o mundo e analisar as realidades históricas concretas, produzindo novo conhecimento e nova teoria. É uma leitura indispensável. O artigo de João Cláudio Madureira – A CIÊNCIA E A TECNOLOGIA NOS INSTITUTOS FEDERAIS E SEU POTENCIAL TRANSFORMADOR: UM BREVE DIÁLOGO COM ÁLVARO VIEIRA PINTO (E O MATERIALISMO HISTÓRICO-DIALÉTICO), muito embora tenha como escopo os IF's nos traz elementos teóricos de Álvaro Pinto, contemporâneo de todos eles. Sua filosofia da técnica, exposta na obra O Conceito de Tecnologia, não ficou alheia aos grandes intelectuais nomeados acima.

A Revista Civilização e Desenvolvimento se completa neste número com o texto escrito por Rafael Bastos e Viviane Marinho da Costa - ESCOLAS DO RIO DE JANEIRO OCUPADAS: NOVOS MOVIMENTOS SOCIAIS E A VONTADE COLETIVA ESTUDANTIL. Como o título indica, os autores analisaram os protestos contra os retrocessos na educação brasileira a partir do Golpe de 2016 que derrubou a Presidente Dilma Rousseff traduzidos em ocupações das escolas públicas da rede de escolas do estado do Rio de Janeiro.

Aproveitamos este número para desejar aos leitores Boas Festas e um feliz Ano de 2021 esperando que seja antitético a 2020, um ano que viu vida de milhares de brasileiros sendo ceifadas pela Covid-19 em meio a grande crise econômica e a um governo destrambelhado, autoritário, antidemocrático e impopular que impõe fortes atrasos e sofrimento à sociedade. Sejamos todos felizes em 2021.

Zacarias Gama

Editor Chefe